

**COMEMORAÇÕES E PODER: O CINQUENTENÁRIO DO ATAQUE DE LAMPIÃO A MOSSORÓ COMO ESTRATÉGIA DE MANUTENÇÃO DO PODER DAS FAMILIAS ESCÓSSIA E ROSADO DURANTE O REGIME MILITAR BRASILEIRO (DÉCADA DE 1970)**

Marcílio Lima Falcão

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN  
[limafalcao34@gmail.com](mailto:limafalcao34@gmail.com)

Considerado por décadas como a “Página Negra da História de Mossoró”, o ataque dos cangaceiros ganhou um novo sentido com as comemorações de seu cinquentenário, em 1977. De acordo com *O Mossoroense*, o intuito era comemorar o acontecimento dando ênfase às particularidades sobre a “resistência” da cidade à Lampião. As discussões iniciais, feitas por João Newton da Escóssia (prefeito de Mossoró), Lauro da Escóssia (diretor do Museu Municipal) e Lauro Monte Filho (assessor municipal de turismo), apontam existir, junto à rememoração dos “resistentes”, interesse das autoridades municipais em promover o desenvolvimento do turismo local.

Entre as preocupações dos organizadores do evento, apontadas pelo jornal *O Mossoroense*, estavam a montagem de uma encenação teatral da luta entre mossoroenses e cangaceiros, a realização de concursos de música/poesia, exposições de artistas potiguaras, feira de artesanato, solenidades religiosas, lançamento de livros e apresentações folclóricas (*O Mossoroense*, p.01 abr. 1977).

De pronto, os rumores sobre esse conjunto de atividades, que se convencionou chamar de “semana da resistência”, se deslocaram das páginas de notícias às colunas sobre política, onde foram recebidas com certa apreensão por Jaime Hipólito Dantas. Entre as argumentações publicadas, ressaltam-se como as principais dificuldades para a encenação pública sobre o passado da cidade “as questões técnicas envolvendo o público, os espaços destinados aos atores e as condições de execução da teatralização do ataque dos cangaceiros” (*O Mossoroense*, p. 01 abr. 1977).

Esse deslocamento mostra a importância política das comemorações do cinquentenário do ataque dos cangaceiros na cotidianidade do jornal *O Mossoroense*. As informações sobre comemorações ressaltavam as particularidades de sua organização e evidenciavam que seus objetivos foram além do sentimento coletivo sobre o passado, e que seu lugar nas páginas do jornal teve como principal característica a produção da “resistência mossoroense” como um novo sentido para o 13 de junho. Esse novo sentido tem no jornal, enquanto um “operador sócio simbólico”, seu veículo de circulação e apreensão (ou não), por parte do leitor, das mudanças que se apresentam na narrativa sobre o passado (MOUILLAUD, 2002, p. 51).

Na edição de 05 de abril, *O Mossoroense*, divulgou os nomes da Comissão do Cinquentenário. O governador Tarcísio Maia, paraibano de Catolé do Rocha e primo dos irmãos Jerônimo Vingt e Jerônimo Dix-Huit Rosado, e o prefeito João Newton da Escóssia eram os presidentes de honra e Lauro Monte Filho o coordenador (SUASSUNA, 2005, p. 363). Os demais membros representavam as escolas públicas e particulares, universidades, Igreja Católica e imprensa (*O Mossoroense*, p.03, 05 abr. 1977).

A presença dessas instituições nas comemorações do cinquentenário tanto evidenciou “a capacidade de mobilizar e tocar a vida cotidiana das pessoas” quanto referendou o papel na construção e partilha de um sentimento coletivo sobre o passado (CORDEIRO, 2001, p. 03). Articulado em meio aos interesses em rememorar os resistentes mossoroenses, o uso do passado no cinquentenário do Ataque de Lampião a Mossoró ressignificou o acontecimento à medida que fez emergir com maior intensidade a imagem dos cangaceiros como protagonistas do ato comemorativo.

Essa nova relação com a narrativa histórica de *O Mossoroense* fez aflorar uma memória que se pretendeu oficial e que, em seu conjunto, ressignificou lugares e sujeitos envolvidos no ataque de Lampião a Mossoró fazendo com que cangaceiros e resistentes passassem a compor lugares que até então não possuíam. Por consequência, os homens que ajudaram na defesa de Mossoró tornaram-se resistentes ao cangaceirismo, enquanto os cangaceiros deixaram de ser caso de polícia e foram inseridos na comemoração como figuras exóticas, sem qualquer vestígio de perigo. Esse novo perfil a eles atribuído era direcionado aos interesses da cidade em alavancar as atividades turísticas, e permitiu sua inserção como representantes da Região Nordeste, bem como a caracterização de um novo tipo sociológico (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2013a, p. 199-203).

Juntamente com os beatos, os cangaceiros passaram a simbolizar uma região narrada como selvagem, onde o misticismo e a “imaginação popular mitologizou os cabras mais valentes e os cangaceiros mais audazes” (MONTENEGRO, 1973, p. 207). Diante da demanda do uso da imagem dos cangaceiros no cinquentenário do ataque de Lampião, a narrativa jornalística de *O Mossoroense* apresentou mudanças ao ressignificar os lugares desses sujeitos no tempo comemorativo. Os desdobramentos dessas mudanças foram perceptíveis a partir do uso do passado e da intenção de justificá-lo diante dos interesses do presente (REVEL, 2001, p. 13-24). Entende-se, então, que além de mobilizar a função pedagógica da memória, as comemorações de cariz cívico podem romper, mesmo que parcialmente, com a memória oficial, no momento em que propõe um outro olhar sobre o acontecimento. Olhar que aparece em *O Mossoroense* ao partir da escrita do jornalista Lauro da Escóssia, autor da coluna *Lampião em Mossoró*. O jornalista rememora acontecimentos e os relaciona

às “demandas do presente”, tendo como referência a relação entre o ato de comemorar o cinquentenário do ataque de Lampião e os interesses em desenvolver o turismo local (CATROGA, 2005, p. 106).

Essas (res)significações surgiram através da criação artística, concretizada no teatro. Em Mossoró, foi o escritor e teatrólogo Tarcísio Gurgel um dos responsáveis pela espetacularização do 13 de junho. Ao visitar a cidade, em abril de 1977, ele concedeu entrevista a Jaime Hipólito Dantas e esclareceu que o objetivo da encenação teatral não era fazer a reprodução do tiroteio entre “os cangaceiros e os defensores de Mossoró, até porque, como espetáculo teatral, que interesse poderia despertar uma troca de tiros que, ao que parece, não durou mais de 15 minutos e não deixou mais que duas vítimas?” (*O Mossoroense*, p. 02, 13 abr. 1977).

Para Tarcísio Gurgel, o “Espetáculo da Resistência”, enquanto criação artística, tinha como objetivos fazer a população “reviver o acontecimento” e, ao mesmo tempo, divertir o turista que estivesse em Mossoró durante as comemorações (*O Mossoroense*, p. 02, 13 abr. 1977). O espetáculo, adaptação da narrativa jornalística ao teatro, encontrou na ludicidade da arte cênica a expressão do diálogo coletivo que “serve também para enaltecer mitos, heróis, exemplos a serem seguidos” (ARAÚJO, 2006, p. 10). Sua dimensão pedagógica funcionou duplamente. Por um lado, continuou a enaltecer as imagens do prefeito Rodolfo Fernandes e do cangaceiro Lampião, não apenas como referências do acontecimento, mas como sujeitos “folclorizados”, a partir da figura do coronel e do cangaceiro, isto é, como tipos regionais do Nordeste brasileiro nas décadas de 1920 e 1930 (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p. 230).

Por outro lado, a exposição do conhecimento histórico sobre o acontecimento foi além de sua matriz jornalística e expressou-se por outros meios de circulação pública, como o teatro, as cantorias de viola, declamações de poesia de cordel e danças, como o xaxado. Essas apresentações artísticas mostram que, no final da década de 1970, o uso do passado foi pensado, de maneira estratégica, como ponte para o turismo em Mossoró.

Mesmo não sendo diretamente contemplada com os primeiros investimentos voltados à promoção do turismo no nordeste brasileiro, a cidade contou com a força do deputado federal Jerônimo Vingt Rosado Maia (ARENA), junto aos governantes militares, para atrair recursos a serem aplicados na estrutura urbana e na edificação de uma mínima infraestrutura hoteleira (ESCÓSSIA, 2010, p. 285-286). Por esse caminho, delineou-se a estratégia da Família Rosado<sup>1</sup> e seus aliados de potencializar as

---

<sup>1</sup> De origem paraibana, o primeiro Rosado a se instalar em Mossoró, em 1890, foi o farmacêutico Jerônimo Ribeiro Rosado (1861-1930). Casado duas vezes, com as irmãs Maria Amélia Henrique Maia e Isaura Henrique Maia, formou uma família com vinte e um filhos, três do primeiro casamento e 18 do segundo. Ativo participante da sociedade mossoroense, foi Intendente de 1917 a 1919, tendo entre suas atividades administrativas a busca pela

ações dos órgãos governamentais (federais e estaduais) que tratavam das políticas de promoção do turismo (*O Mossoroense*, p. 06, 21 abr. 1977).

Sob essa perspectiva, as comemorações do cinquentenário do ataque dos cangaceiros a Mossoró se singularizou por apresentar elementos que ressignificaram as narrativas sobre o acontecimento, o que resultou em uma nova relação da sociedade local com o seu passado, baseada na folclorização do cangaceiro. Essas comemorações se constituíram, portanto, o meio de circulação da memória, presente nas músicas e poesias, nas apresentações de cantadores e grupos folclóricos. Em contrapartida, a ritualística dos festejos revelam o quanto a memória sobre o 13 de junho foi selecionada e “historicamente controlada” pelo jornal *O Mossoroense* e intelectuais ligados à *Coleção Mossoroense*.

Das poucas rupturas a esse “controle social da memória”, voltado à exaltação da cidade e seus resistentes, encontram-se as narrativas dos e sobre os cangaceiros que prestaram depoimentos à polícia logo após o frustrado ataque, bem como as que emergiram da morte do cangaceiro Jararaca (FALCÃO, 2013, p. 26). As particularidades relatadas por esses sujeitos serviram de base aos discursos que reforçaram o sentido da comemoração durante a solenidade de abertura da Semana da Resistência. Segundo o prefeito João Newton da Escóssia:

Quando nos propusemos a elaborar um programa para as comemorações da resistência cívica deste município ao bando de Lampião, fizemo-lo com o propósito de enaltecer a cultura àqueles homens que arvoraram na bravura do civismo.

Entendemos que é no culto dos espíritos fortes, provados pelos embates da vida, que nos elevaremos à mesma grandeza de combatermos, quer seja contra a violência dos que nada têm a perder, e sim a destruir, quer seja para construirmos o futuro do indivíduo, da família e da comunidade.

É-nos grato, por dever e elevada compreensão, destacar, nestas comemorações, a figura ímpar de Rodolfo Fernandes. Àqueles que se somaram ao grande prefeito de 1927, na luta contra o chamado ‘rei do cangaço’, e que já faleceram, nossa homenagem póstuma. Aos que ainda vivem, nossa admiração e gratidão. Àqueles que hoje se doam à preservação da paz do povo, à participação dos programas de governo e à comunhão de sentimentos nobres e ações eficazes, nosso maior incentivo e apoio

(*O Mossoroense*, p. 03, 12/13. Jun. 1977).

---

solução para o problema do abastecimento de água da cidade. Em 1948, com a vitória de Jerônimo Dix-Sept Rosado na campanha municipal, foi construído o discurso de que os filhos retomariam o trabalho desempenhado pelo pai em prol do crescimento de Mossoró (CASCUDO, 1967, p. 13-64).

Nota-se, que as comemorações eram o momento de coadunar os desafios do presente com a imagem do passado, reafirmando, através do empenho da gestão, a realização da festa cívica, a bravura e o civismo como valores ratificantes da identidade de Mossoró como cidade libertária.

Como parte da estratégia do prefeito em promover o desenvolvimento do turismo local, as comemorações sobre o 13 de junho foram imprescindíveis, haja vista terem contribuído para a produção da imagem de Mossoró como “cidade da resistência”. Para além do propósito de reforçar a identidade local, as festas serviram aos interesses políticos dos Rosados, à medida que buscaram consolidar uma memória que homogeneizasse o sentimento coletivo, ancorado na coragem e no heroísmo diante do maior bandido do nordeste brasileiro. Foi pela fama nacional de Lampião que se assentou, então, toda a memória da resistência, bem como a estratégia de usá-la como meio para alavancar o turismo na cidade.

Sem dúvida, o ano do cinquentenário é fundamental à compreensão dos interesses que nortearam o uso político do passado pelos Rosados por meio da construção da resistência cívica mossoroense aos cangaceiros de Lampião. Desde o início de janeiro de 1977, *O Mossoroense*, através da coluna “Temas e Voltas”, de Jaime Hipólito Dantas, já alertava os leitores sobre o descaso com o turismo na cidade, a ponto de confessar que era “algo tão romântico” que a assessoria de turismo municipal realizava anualmente apenas o carnaval de rua e o desfile cívico do dia 30 de setembro (*O Mossoroense*, p. 02, 14. jan. 1977).

Em fevereiro do mesmo ano, o prefeito João Newton da Escóssia reinaugurou o Museu Municipal e nomeou o jornalista Lauro da Escóssia como diretor da instituição. A exposição inaugural contemplou a temática da história de Mossoró a partir de peças relacionadas à mineralogia, paleontologia, população indígena, libertação dos escravos e ao ataque dos cangaceiros.

No jornal *O Mossoroense*, a euforia da reativação do museu ocorreu pela associação da história da cidade com a trajetória do jornal, como também pela indicação de Lauro da Escóssia para dirigir a instituição.

Ninguém perde em visitar o Museu de Mossoró, reequipado e provisoriamente instalado na rua 30 de Setembro, esquina com a travessa Dr. Alcides Menezes da Silva. A par de uma seção de mineralogia e paleontologia, há utensílios guerreiros e de danças rituais, objetos de caça dos índios canelas, o bacamarte que pertenceu a Jesuíno Brilhante, o Estandarte da Libertadora Mossoroense, documentação sobre o cangaço chefiado por Lampião. Todas as peças importantes estão ali e poderão ser explicadas aos interessados pelo diretor da casa, jornalista Lauro da Escóssia

(*O MOSSOROENSE*, p. 03, 27 fev. 1977)

Dada sua importância para a amplitude do acervo e conseqüente produção e circulação da história da cidade, os investimentos dos Rosados e aliados políticos nas instituições culturais e outros equipamentos urbanos em Mossoró não podem ser vistos de forma isolada. Todo esse conjunto fez parte do processo de melhoramento urbano que, desde o início da década de 1970, vinha sendo implementado a partir dos indicadores apresentados nos “*Subsídios ao Planejamento da Área Nordestina*”. Esse documento apontou Mossoró como centro regional do Oeste do Rio Grande do Norte, tanto pelo acesso aos serviços públicos em educação e saúde, como pelo crescimento de suas atividades econômicas pautadas, principalmente, na salineira (BRASIL. 1971, p. 39-41).

Percebe-se, então, que, durante a trajetória política da Família Rosado, a busca pelo funcionamento de instituições culturais, como Museu Histórico, Biblioteca Pública, bem como a ampliação de estabelecimentos escolares, criação das universidades e melhoria dos equipamentos urbanos, à medida que reforçaram o lugar de Mossoró na hierarquia urbana no Oeste do Estado, também funcionaram como estratégia para a manutenção do controle político municipal (*DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL*, p. 8418, 30 nov. 1967). As “batalhas” pela água, energia e cultura, por eles implementadas, foram pautas de matérias jornalísticas em *O Mossoroense* e fizeram dos Rosados os próceres do desenvolvimento local (COSTA, 2012, p. 33-71). Essa estratégia ganhou força quando os documentos oficiais citaram Mossoró como centro regional e apontaram os serviços financeiros e de saúde como demarcadores da área de maior influência da cidade a partir da segunda metade da década de 1960

Na primeira metade da década de 1970, o lugar de Mossoró no desenvolvimento regional do Oeste do Rio Grande do Norte (formado por 43 municípios) deu aos Rosados o contato político (incluindo Mossoró e a área de sua maior influência)<sup>2</sup> com uma população de 242 mil pessoas, o que correspondia a 15,4% da população do Rio Grande do Norte. Foi nesse espaço onde os Rosados organizaram sua base eleitoral, e para onde dirigiram os projetos e recursos que alavancaram no Governo Federal, especialmente aqueles ligados a obras e serviços urbanos, publicados como propaganda política em *O Mossoroense*. (ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO NORTE, 1975, p. 331-334)

---

<sup>2</sup> A área de maior influência de Mossoró era composta pelas cidades de Areia Branca, Carnaubais, Grossos, Açu, Apodi, Augusto Severo, Caraúbas, Felipe Guerra, Governador Dix-Sept Rosado, Itaú, Janduís, Paraú, Severiano Melo e Upanema. Juntas, essas cidades somavam 146.042 habitantes, o que correspondia a 9,42% da população do Estado. (ANUÁRIO ESTATÍSTICO DP RIO GRANDE DO NORTE, 1975, p. 35.)

A política dos Rosados estava em consonância com a dos governos militares, pois voltava-se especialmente para as obras de urbanização da cidade, bem como para os projetos que contemplavam a zona rural (eletrificação) e a área salineira, com destaque para a criação dos Portos de Mossoró e Areia Branca. Essa política correspondia ao que defendeu o Presidente Ernesto Geisel em discurso sobre o crescimento e urbanização das cidades brasileiras durante a abertura do simpósio sobre Política Urbana, da Fundação Milton Campos, promovido pela ARENA, em 1975. Na ocasião, o presidente afirmou que a política urbana do governo gravitava em torno de diretrizes que visavam “a contenção e ordenamento da expansão das Regiões Metropolitana de São Paulo e Rio de Janeiro e das áreas sob sua influência, particularmente no eixo Rio-São Paulo”. Buscava-se “a disciplina do crescimento das metrópoles regionais de maior densidade econômica (Porto Alegre, Curitiba e Belo Horizonte)”; a “ordenação do crescimento e a dinamização da base econômica e dos equipamentos sociais das metrópoles das regiões menos desenvolvidas (Salvador, Recife, Fortaleza e Belém)”; bem como o “estímulo ao desenvolvimento das cidades de porte médio, sejam capitais de Estado ou polos sub-regionais importantes”, através de investimentos em infraestrutura que fortalecessem a capacidade produtiva e as funções urbanas (GEISEL, 1976, p. 259-267).

A captação dos recursos destinados as cidades de médio porte e a associação entre o tempo das comemorações e as inaugurações das obras de melhorias urbanas mantiveram os Rosados fiéis à cultura política que encontrava, no paternalismo e personalismo, os elementos definidores de sua atuação. Pertenceram a um ciclo de relações políticas que foi se estreitando a ponto de a escolha dos candidatos ao executivo municipal, especialmente a partir dos anos de 1970, restringir-se ao núcleo familiar. As justificativas para essa afirmação encontram-se nas disputas eleitorais da zona Oeste, entre os Rosados e o grupo de Aluizio Alves, que, desde o início da década de 1960, expressaram seus posicionamentos políticos, respectivamente, nos jornais *Diário de Mossoró* e *O Mossoroense*, cujo ponto mais alto foi a derrota de Jerônimo Vingt-un Rosado (ARENA) na eleição local de 1968 para o aluizista Antônio Rodrigues de Carvalho (MDB).

A escolha dos Rosados para os representantes aos cargos no executivo mossoroense passou a ser por laços de sangue ou sociais, este último por meio de casamentos.<sup>3</sup> Com efeito, o exercício do mando dos Rosados exigiu muito mais que os esforços empreendidos ao fortalecimento das atividades econômicas, urbanização e ampliação dos serviços no Oeste Potiguar.

---

<sup>3</sup> De 1972 a 2000, todos os candidatos vitoriosos estavam ligados aos Rosados por um desses dois laços. Nesse período, foram eleitos prefeitos de Mossoró Dix-Huit Rosado (1972, 1982 e 1992), João Newton da Escóssia (cunhado de Vingt Rosado, eleito em 1976) e Rosalba Ciarlini Rosado (casada com Carlos Augusto Rosado – filho do ex-governador Dix-Sept Rosado, eleita nos pleitos de 1988, 1996 e 2000).

A posse de veículos de comunicação intensificou a presença e o papel que ocupavam no desenvolvimento da cidade, bem como garantiu destaque - nos momentos mais tensos da repressão dos militares aos grupos de esquerda - às narrativas oficiais que justificavam ou silenciavam as contradições internas, interesses diferenciados, os impactos das perseguições políticas, condições de vida da população e da “modernização conservadora” durante a década de 1970 (AQUINO, 1999, p. 21-35).

Nesse período, os Rosados comandavam a emissora de rádio Tapuyo, de propriedade de Dix-Huit, e o jornal *O Mossoroense*, comprado por Vingt em 1977. A orientação editorial deste último acompanhou o processo de transição política na cidade. No primeiro momento, direcionou suas páginas a uma imagem favorável aos governos militares, pois seus proprietários eram os dirigentes da ARENA local. Mas esse direcionamento era dubio. Se, por um lado, omitia as ações mais radicais dos militares e dava ênfase às melhorias que os Rosados conseguiam junto ao governo federal, por outro, especialmente no Governo Geisel, permitia que alguns de seus redatores se posicionassem criticamente em relação a determinados instrumentos de mando dos militares, como no momento da extinção do AI-5.

A princípio, esse posicionamento não pode ser tomado como uma reação contra os governos militares, mas como o caminho que os Rosados, enquanto arenistas, seguiram diante das propostas um tanto nebulosas adotadas, a partir do Governo Geisel, em relação à abertura política. Foi nesse ritmo que *O Mossoroense* se transformou no veículo de comunicação que mais expressou a relação entre os Rosados e os governos militares na cidade. Pode-se dizer que o jornal era o elo de ligação dos Rosados com a população, por isso, insistiam na publicação dos recursos alocados por Vingt, Dix-Huit e seus correligionários.

Estrategicamente importantes para a manutenção do poder dos Rosados, os catorze municípios que compunham a área de maior influência de Mossoró estavam nas microrregiões Salineiras Norte-Riograndense e em Assu-Apodí. Juntos, possuíam 44.995 eleitores, correspondente a 10,2% do eleitorado inscrito no Rio Grande do Norte (ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO NORTE, 1975, p. 356-358). Esses centros eram formados pela cidade de Assu (1º nível), Areia Branca e Pau dos Ferros (2º nível). Para a Fundação Instituto de Desenvolvimento do Rio Grande do Norte (IDEC) o que caracteriza um centro sub-regional de 1º nível são suas funções específicas ligadas às atividades econômicas e que ampliam os serviços e consumo, exercendo, assim, influência em determinada área. Já, o centro sub-regional de 2º nível apresenta “um comércio de relativa importância para pequenas áreas, como serviços de educação e saúde de um certo nível, não chegando a apresentar funções específicas” (GOVERNO DO RIO GRANDE DO NORTE, 1975, p. 127-128). Com

populações que variam de 6.500 a 11.000 habitantes, essas áreas foram imprescindíveis a estratégia de manutenção do poder dos Rosados (ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO NORTE, 1975, p. 356-358). Ao relacionar os resultados eleitorais das campanhas de Vingt Rosado para deputado federal, até o final da década de 1970, percebe-se que a manutenção do controle da administração mossoroense foi se tornando cada vez mais indispensável à permanência da Família Rosado na Câmara Federal.

Tabela 1 - Resultados das campanhas de Vingt Rosado para Deputado Federal

	<b>Eleição</b>	<b>Partido</b>	<b>Votos na eleição</b>	<b>Votos em Mossoró</b>	<b>%</b>
<b>Vingt Rosado</b>	1962	UDN	24.527	9.679	39,4
	1966	ARENA	29.490	Dados indisponíveis	
	1970	ARENA	40.009	16.469	41,1
	1974	ARENA	49.737	14.091	28,3
	1978	ARENA	44.743	17.360	38,7
	1982	PDS	43.421	17.483	40,2

Fonte: Superior Tribunal Eleitoral/Tribunal Regional Eleitoral (1962-1982)

Os resultados eleitorais apontam que foi no período de maior concentração de poder da ARENA que os Rosados ampliaram a influência política no Oeste do Rio Grande do Norte. O crescimento do capital político-eleitoral da Família Rosado durante o Regime Militar chegou a 102% no período em que se encerra o chamado Milagre Brasileiro. Esse crescimento pode ser explicado tomando como referência os resultados das campanhas de Vingt Rosado para o cargo de deputado federal. Nota-se que as maiores oscilações se deram com o crescimento da participação eleitoral nos municípios mais influenciados pelos serviços oferecidos a partir de Mossoró, e que o percentual eleitoral de Vingt Rosado na cidade se estabilizou em torno dos 36% dos votos válidos.

Nesse período, atuaram em consonância com os Planos da SUDENE e contaram com a influência do jornal *O Mossoroense*, a partir da segunda metade da década de 1970, para a circulação do exercício cotidiano do mandato parlamentar do deputado federal Vingt Rosado. Foi nessa direção que quatro dos dez discursos proferidos por Vingt Rosado no Congresso Nacional, na década de 1970, voltaram-se para as ações ligadas às atividades da SUDENE no Rio Grande do Norte, sendo o crescimento da atividade salineira e escoamento da produção de sal marinho, o principal assunto.

A estratégia de captação de recursos por Vingt e Dix-Huit Rosado direcionava-se as propostas de ação contempladas no III Plano Diretor de Desenvolvimento Econômico e Social do Nordeste (1966-1968) no que tange aos investimentos voltados à execução de obras, melhoramentos e reaparelhamentos dos portos no Nordeste. O Plano Diretor contemplava os principais portos (Recife, Salvador e Fortaleza) e buscava aplicar os recursos levando em conta:

[...] não apenas o volume físico das operações realizadas, mas, igualmente, a necessidade de explorar ao máximo a potencialidade de alguns pequenos ancoradouros, tendo em vista o atendimento de necessidades econômicas da sub-região a que servem. (BRASIL, 1966, p. 70)

Nesse grupo encontravam-se os portos de Natal, Cabedelo, Maceió e Aracaju que, segundo as diretrizes do III Plano, seriam reaparelhados. Percebe-se claramente, pelos discursos proferidos no Congresso Nacional e pelas matérias que circularam em *O Mossoroense*, que foi nesse espaço que os Rosados ampliaram seus esforços na busca da construção dos Portos de Mossoró e Areia Branca. A justificativa era a importância da cidade como a principal produtora de sal no Brasil. O objetivo era dotar cada vez mais a cidade de uma infraestrutura capaz de atender as demandas do produto no mercado interno e externo e ampliar o papel da cidade por toda a zona salineira, considerada como área de grande influência mossoroense, por conseguinte de suma importância política para os Rosados.

Esses discursos eram adaptados à realidade local e associados aos recursos financeiros que o deputado conseguia alavancar. Em seguida, serviam de conteúdo às matérias jornalísticas que circulavam na cidade. Foi por esse caminho que os Rosados, além de viabilizarem os serviços públicos urbanos, também inauguraram duas universidades em Mossoró. A criação da Universidade Regional do Rio Grande do Norte (URRN) e da Escola de Agricultura de Mossoró (ESAM) foi uma ação estratégica dos Rosados que também acompanhou os objetivos postulados no III Plano Diretor da SUDENE (1966-1968), que previa somente investir na “ampliação das instalações e equipamentos das unidades universitárias, com ênfase nas três grandes universidades do Nordeste: Bahia, Recife e Ceará” (BRASIL, 1966, p. 95). A Escola Superior de agronomia (ESAM) foi criada em uma cidade não contemplada com os recursos destinados ao ensino superior, mas que estava estrategicamente localizada entre duas das principais universidades nordestinas citadas no plano de ação da SUDENE, a Universidade Federal do Ceará e a Universidade Federal de Pernambuco. Mais uma vez, os Rosados atuaram nos setores em que a SUDENE potencializava as principais capitais regionais.

Outras instituições culturais como o Museu, Biblioteca Pública e Coleção Mossoroense também fizeram parte das estratégias que sustentavam politicamente os Rosados no Oeste do estado. Os contatos que Vingt-un Rosado manteve com lideranças políticas que tinham seus trabalhos publicados na

Coleção Mossoroense são um indicativo de que a rede de sociabilidade dos intelectuais servia como ponte às relações políticas da Família Rosado, especialmente pelo controle exercido pela ARENA do Rio Grande do Norte<sup>4</sup> durante a segunda metade da década de 1970 (*O MOSSOROENSE*, p. 02, 24 nov. 1976).

Em discurso pronunciado no Congresso Nacional em 26 de novembro de 1977, Vingt Rosado fez um balanço das comemorações do cinquentenário da resistência cívica ao bando de Lampião. Apontou também o cinquentenário do voto feminino e os dez anos da fundação da ESAM como marcos importantes da história da cidade. O discurso aparece em direção contrária ao que fora veiculado no jornal *O Mossoroense* durante as comemorações do cinquentenário, quando, por meio de apresentações artísticas, o passado comemorado foi inserido na lógica mercadológica do turismo e na sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997, p. 23-35).

Por consequência, os lugares ocupados por mossoroenses e cangaceiros no cinquentenário deixaram de se reportar aos pares campo/cidade, civilizado/selvagem, e se voltaram às necessidades de incorporá-los, nas comemorações, como representantes de uma sociedade que, discursivamente, foi folclorizada, segundo Durval Muniz em uma operação de fusão entre o folclore e o folclorista e a própria região durante as décadas de 1920 a 1950 (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2013b, p. 23-54).

De fato, o uso do passado mossoroense afirmou a figura do cangaceiro como um tipo sociológico cuja origem e modo de vida próprios foram narrados por memorialistas e folcloristas, ainda na primeira metade do século XX (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2013c, p. 19-33). Em contrapartida, Vingt Rosado, no término de sua fala durante as comemorações, interpretou que os cangaceiros eram resultado das desigualdades sociais, o que corroborou com os argumentos que justificaram a resistência mossoroense como luta entre a civilização e a barbárie.

Grandes homens ao inverso, energias colossais desencadeadas aos ventos da desaculturação, dos desajustamentos sociais, ei-los apocaliticamente a marcar a terra calcinada com os sinais do ódio, da vingança, da destruição. Tinham um comandante, Virgulino Ferreira, o Lampião, tal como no conceito matemático, expoente negativo de uma gente que não se definira em tipo étnico. Fabulosos cavalarianos a serviço do mal em junho de 1927, vencem 400 quilômetros em 100 horas, conseguindo atingir o alvo da jornada imensa: a cidade de Mossoró (*DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL*, p. 8419, 26 nov. 1977).

---

<sup>4</sup> O contato político que os Rosados mantiveram no Oeste Potiguar, por conta de sua influência na ARENA, foi enorme e pode ser demonstrado no aumento dos resultados eleitorais de Vingt Rosado, que chegou a 82,42% entre 1962 e 1978. Além do Governo do Estado, a ARENA administrava 140 dos 150 municípios do Rio Grande do Norte, em 1976, o que favoreceu o fortalecimento dos Rosados no Oeste Potiguar.

Os argumentos citados remontam a intelectuais como Gustavo Barroso, que, na década de 1920, procurou justificar a origem e permanência do cangaceirismo como resultado de condições políticas que expropriaram grande parte da população do nordeste brasileiro das condições mínimas de educação e segurança.

Na verdade, o propósito do deputado, ao proferir tais palavras, foi apresentar a cidade de Mossoró, na narrativa jornalística, como o mais importante centro político, econômico e cultural do interior do Rio Grande do Norte. E mesmo tendo sido retomada no Congresso Nacional, sua fala foi mais um apanhado da narrativa oficial sobre o 13 de junho do que uma explicação das mudanças ocorridas nas comemorações do cinquentenário.

De fato, as argumentações de Vingt Rosado não condizem com as ressignificações feitas por Lauro da Escóssia, principal narrador do acontecimento no jornal *O Mossoroense*. Na coluna “*Lampião em Mossoró*”, Lauro da Escóssia rediscutiu o ataque de Lampião e a resistência mossoroense, apresentando os objetivos implícitos às comemorações. Nesse sentido, as comemorações sobre o 13 de junho foram transformadas em algo para além de um “culto nostálgico e regressivo” e que fez o passado ser “reinterpretado à luz da lição que se dar ao presente e ao porvir” (CATROGA, 2015, p. 81) Essa “lição” correspondeu aos interesses norteadores das ações dos Rosados, Escóssias e correligionários, quando selecionaram e utilizaram o cinquentenário do ataque de Lampião para (re)construírem uma memória sobre a resistência mossoroense diante dos cangaceiros.

Pode-se dizer, portanto, que foi no uso do passado que a celebração da resistência ganhou significado, se constituindo como espaço e momento propícios para a reafirmação do discurso político dos Rosados como os responsáveis pelo desenvolvimento socioeconômico da cidade. Nessa empreitada, o jornal *O Mossoroense*, mais uma vez, teve papel preponderante na circulação da memória histórica e na cobertura das solenidades que marcaram a comemoração do cinquentenário.

Dois foram as memórias que circularam no jornal: a memória histórica, presente nas edições de 1927 de *O Mossoroense*; e a memória particular de Lauro da Escóssia, testemunha ocular do ataque dos cangaceiros e da montagem da resistência mossoroense. Segundo Lauro, “o ataque ao Apodi foi o estopim para Mossoró preparar sua defesa”, sendo primeiras precauções contra os cangaceiros ocorrerem sem a presença de Lampião nas terras potiguares (*O MOSSOROENSE*, p. 02, 13 maio. 1977). Para o colunista, quem iniciou as ações de defesa da cidade foram os comerciantes locais, assumindo, posteriormente, as autoridades municipais, principalmente o prefeito Rodolfo Fernandes, que recebia informações telegráficas, de várias procedências, dando conta da marcha dos cangaceiros no Rio Grande do Norte (*O MOSSOROENSE*, p. 02, 15 maio. 1977).

Na tentativa de reavivar a luta entre mossoroenses e cangaceiros, Lauro da Escóssia publicou ainda a seguinte descrição do acontecimento por ele elaborada durante a invasão do bando a Mossoró:

Lampião penetrou com um grupo no prédio da União dos Artistas, fazendo cerrado tiroteio contra a trincheira da Estrada de Ferro, onde estavam Saboinha, muitos funcionários da ferrovia e outros defensores. Outro grupo chefiado por Sabino, lugar tenente de Lampião e do qual faziam parte Jararaca, Colchete e vários outros bandidos, passou a guerrear nas imediações da residência do prefeito Rodolfo Fernandes e na Avenida Alberto Maranhão. Este grupo ficou na mira dos fuzis dos que estavam na torre de S. Vicente, de onde partiram, ao que se admite, os projeteis que mataram Colchete com profundo ferimento sobre o olho esquerdo, arrancando-lhe parte do cérebro, isto na esquina da residência do sr. Antônio Ferreira Néó e feriram gravemente ao seu companheiro Jararaca, com um tiro no peito, alcançando-lhe o pulmão, quando este procurava “desarvorar” àquele seu colega, abrindo-lhe a camisa e retirando seus pertences e armas. Jararaca foi ainda atingido por uma segunda bala que se alojou numa de suas pernas.

Jararaca de punhal na mão, quis romper a fuzilaria que vinha do parapeito da casa do Prefeito Rodolfo Fernandes, procurando transpor os fardos de algodão colocados defronte àquela residência para uma luta corpo a corpo com os defensores da cidade. Não conseguiu e já de regresso desse frustrado intento foi atingido mortalmente (*O MOSSOROENSE*, p. 02, 17 maio. 1977).

A descrição do ataque dos cangaceiros e da resistência mossoroense põe o cangaceiro Jararaca como personagem principal da coluna jornalística “*Lampião em Mossoró*”, de modo que Lauro da Escóssia dedicou cinco das dezessete matérias que circularam entre os meses de maio e junho de 1927 à trajetória de Jararaca na cidade.

O bandido foi apresentado ao público como um sujeito valente, que, com graves ferimentos, “foi se arrastando na escuridão da noite até galgar a via férrea. Por ela atravessou a ponte sobre o rio Mossoró, descansando a sombra de uma árvore, na sua margem direita” até ser denunciado e preso no dia 14 (*O MOSSOROENSE*, p. 02, 17 maio. 1977).

Quanto aos detalhes que levaram a sua prisão, foram lembrados por Lauro da Escóssia como o grande momento do jornal, haja vista ter publicado, em primeira mão, a entrevista concedida pelo cangaceiro. De acordo com o colunista, a presença do cangaceiro na cadeia pública de Mossoró despertou, de início, tanto a curiosidade da população, que queria vê-lo, como uma certa apreensão, por conta das informações de que poderia acontecer uma nova investida do bando de Lampião.

Mas, o que ganhou fama no jornal foram as informações que Jararaca prestou a Lauro da Escóssia durante sua permanência em Mossoró, material publicado na edição de 19 de junho de 1927 e reimpresso, cinquenta anos depois, como homenagem do jornal a tão importante acontecimento para a história da cidade (*O MOSSOROENSE*, p. 02, 22 maio. 1977). Assim, pois, o uso “jornalístico do

passado” ganhou lugar nas comemorações do cinquentenário do ataque de Lampião a Mossoró à medida que apresentou uma imagem da cidade como exemplo ao Nordeste e reafirmou visões e justificativas para as mudanças na narrativa sobre o acontecimento.

No caso do 13 de junho, o uso jornalístico do passado se deu por meio de duas formas: foram apresentados ao leitor a reprodução das matérias que circularam no jornal após o ataque e os novos posicionamentos do jornalista Lauro da Escóssia sobre algumas particularidades do acontecimento, como as devoções religiosas ao cangaceiro Jararaca, os cangaceiros como objetos da cultura e os mossoroenses como resistentes. À medida que novos enfoques sobre cangaceiros e resistentes foram utilizados pelo poder municipal na composição da narrativa oficial sobre o acontecimento, os documentos sobre o 13 de junho (particularmente os textos jornalísticos publicados em *O Mossoroense*) foram se tornando monumentos do passado (LE GOFF, 1996, p. 542-549).

Outro ponto relevante na justificativa dada pelo jornal dos Rosados a sua participação nas comemorações concerne à própria visão sobre seu lugar na fabricação das narrativas sobre o passado mossoroense, a qual está bem representada no trecho que segue:

Vivemos hoje uma nova fase dentro de uma cidade que vive uma nova época, O MOSSOROENSE, em todos os instantes, prestou às solenidades da Semana da Resistência, sua solidariedade. Da comissão organizadora, presidida pelo prefeito João Newton, faz parte o diretor Dorian Jorge Freire. A Galeria de Arte Mossoroense – GAM, criação de nosso diretor e pertencente ao Jornal, promoveu duas exposições excepcionais: uma, de Eliphaz Bulhões, em promoção com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Universidade Regional do Rio Grande do Norte. Outra, de M. Arruda, em acordo com o Banorte. Com a Secretaria de Bem Estar Social do Estado, participa da Feira de Artesanato. Durante um mês inteiro, publicamos sobre o feito histórico, o depoimento de seu redator Lauro da Escóssia, testemunha ocular dos acontecimentos. Hoje fazemos uma edição histórica: toda a primeira página é a reconstituição daquela publicada em 19 de Junho de 1927, domingo, com a reportagem escrita por Augusto e Lauro Escóssia. É nossa forma humilde de estar presente (como temos estado há mais de um século) na liderança plena do que é história de Mossoró e defesa de sua comunidade (*O MOSSOROENSE*, p. 06, 12/13 jun. 1977).

O lugar requerido pelo jornal como produtor e “guardião do passado” mostra a transferência da administração do periódico dos Escóssias para os Rosados como um reforço da imagem de *O Mossoroense* como importante fonte histórica.

Ao republicar a edição completa de 19 de junho de 1927, os Rosados criaram uma situação um tanto contraditória. De um lado, monumentalizaram a narrativa jornalística sobre o 13 de junho, à

medida que evocaram os lugares que distinguiam mossoroenses e cangaceiros na memória histórica sobre o acontecimento. Por outro lado, provocaram um certo esgarçamento dessa memória, ao creditarem novos lugares aos resistentes e cangaceiros no decorrer do ato comemorativo.

Os defensores da cidade, imagetivamente passaram a ocupar o posto de heróis, enquanto os cangaceiros foram enunciados como seres folclóricos, representantes de um tempo que não existe mais. Essa é a expressão de uma espacialidade onde os sujeitos folclorizados representavam um Brasil rural, conservador, arcaico, marcado pelo fanatismo e pela violência. Uma região cujos problemas sociais foram teatralizados e associados às manifestações da cultura popular, como danças e cantorias.

Nessa perspectiva, as comemorações do cinquentenário se constituíram momento de mostrar a mudança na própria forma de ver o Nordeste, procurando, por um lado, velar as dificuldades históricas e, por outro, creditar ao uso do passado a alternativa para o crescimento econômico da cidade. Esse trabalho teve como fiadores do tempo da construção da resistência mossoroense a Lampião os Rosados e parceiros da Prefeitura Municipal de Mossoró.

Tecida por meio da utilização do teatro, concursos de música (voltados aos temas nordestinos como o banditismo rural representado pelo cangaço), danças folclóricas, exposições artísticas e feira de artesanato, as comemorações do cinquentenário da “resistência mossoroense” ao bando de Lampião se configuraram também como momento revelador do sentimento de pertencimento coletivo, ao passo que reafirmaram o lugar de Mossoró como ponto de partida à derrocada do cangaceirismo no Nordeste do Brasil.

Mais que um ponto de partida, o cinquentenário mostrou o que, de fato, os Rosados e aliados políticos queriam: criar mecanismos que os mantivessem no poder. O sucesso da empreitada não deve ser mensurado a curto prazo. As dificuldades em aliar o desenvolvimento econômico com o exercício do mando fizeram com que os Rosados encontrassem nas comemorações do calendário cívico municipal a principal forma de uso do passado como mecanismo de sua aproximação com a população. Isso foi imprescindível à cultura política que partilhavam, pois, as grandes comemorações sobre o passado mossoroense revelaram, na contextualidade do processo político vivenciado pelo país durante os “Anos de Chumbo”, o lugar que os Rosados ocuparam no governo dos militares.

### **FONTES**

**ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO NORTE**, Natal. Fundação Instituto de Desenvolvimento do Rio Grande do Norte – IDEC, 1975. v. 2

**BRASIL**, Instituto Brasileiro de Geografia - **Subsídios ao planejamento da área nordestina**. Rio de Janeiro, 1971. v.16.

BRASIL. SUDENE. **III Plano Diretor de Desenvolvimento Econômico e Social do Nordeste**. 1. ed. Recife. Divisão de Documentação, 1966. (Série Planejamento)

DANTAS, Jaime Hipólito. Lampião em Mossoró. *Ibid.*, Mossoró, p. 01, 01 abr.1977.

DANTAS, Jaime Hipólito. Teatro para Lampião. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 13 abr. 1977.

ESCÓSSIA, Lauro da. Lampião em Mossoró (I) – Guerra à vista. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 13 maio. 1977.

ESCÓSSIA, Lauro da. Lampião em Mossoró (II). **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 15 maio. 1977.

ESCÓSSIA, Lauro da. Lampião em Mossoró (III) – O Dia D. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 02, 17 maio. 1977.

ESCÓSSIA, Lauro da. Lampião em Mossoró (VI) – Prisão de Jararaca. *Ibid.*, Mossoró, p. 02. 22 maio. 1977.

FALA do Deputado Federal Vingt Rosado. **Diário do Congresso Nacional**, Brasília, p. 8419, 26 nov. 1977.

FALA do Deputado Federal Vingt Rosado. **Diário do Congresso Nacional**, 30 de novembro de 1967.

GEISEL, Ernesto Beckmann. **Discursos**. Brasília, DF: Assessoria de Imprensa da Presidência da República/Departamento de Imprensa Nacional, 1976.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE. **Diagnóstico Estrutural do Estado**. Natal: Secretaria do Planejamento/IDEC, 1975. v. 1

MENSAGEM do Prefeito – Para a História: o que foi o Cinquentenário de Lampião em Mossoró. *Ibid.*, Mossoró, p. 02, 14 jan. 1977.

MENSAGEM do Prefeito – Para a História: o que foi o Cinquentenário de Lampião em Mossoró. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 12/13 jun. 1977.

MOSSORÓ relembra durante 7 dias luta contra cangaço. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 05 abr. 1977.

MUSEU. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 27 fev. 1977.

O MOSSOROENSE, 1977. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 06, 12/13 jun. 1977.

SEMANA da Resistência já tem programa oficial. **O Mossoroense**, Mossoró, p. 03, 17 abr. 1977.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALBUQUERQUE JUNIOR. Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino**: invenção do falo -uma história do gênero masculino (1920-1940). 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013a. (Coleção Entregêneros).

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A feira dos mitos**. A fabricação do folclore e da cultura popular (nordeste – 1920-1950). São Paulo: Intermeios, 2013b. (Coleção Entregêneros).

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **O morto vestido para um ato inaugural: procedimentos e práticas dos estudos de folclore e de cultura popular**. São Paulo: Intermeios, 2013c.

AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, Imprensa e Estado Autoritário (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência- O Estado de São Paulo e Movimento**. Bauru: EDUSC, 1999.

ARAÚJO, José Ricardo da Silva. **A dimensão pedagógica do teatro: reflexões sobre uma proposta metodológica**. 2006. Dissertação. (Mestrado em Educação Brasileira) – Universidade Federal de Alagoas/Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Maceió.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Jerônimo Rosado (1861-1930): uma ação brasileira na província**. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1967.

CATROGA, Fernando. **Nação, mito e rito: religião civil e comemoracionismo (EUA, França e Portugal)**. Fortaleza: Edições NUDOC/Museu do Ceará, 2005.

CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2015.

CORDEIRO, Janaina Martins. As comemorações do Sesquicentenário da Independência em 1972: uma festa esquecida? In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, julho de 2001. Disponível em:

[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300478234\\_ARQUIVO\\_ANPUH2011.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300478234_ARQUIVO_ANPUH2011.pdf).

Acesso em: 25/04/2016.

COSTA, Bruno Balbino Aires da. **Mossoró não cabe num livro: Luís da Câmara Cascudo – o historiador da cidade**. João Pessoa: Ideia, 2012.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ESCÓSSIA, Lauro da. **Cronologias Mossoroenses: quando, como e onde aconteceram os fatos**. Mossoró, RN: Fundação Vingt-Un Rosado, 2010.

HARTOG, François. REVEL, Jacques. Note de conjoncture historiographique. In: **Les usages politiques du passé**. Paris, Éditions de l'EHESS, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

MONTENEGRO, Abelardo. **Fanáticos e cangaceiros**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1973, p. 207.

MOUILLAUD, Maurice. A crítica do acontecimento ou o fato em questão. In: PORTO, Sérgio Dayrell (Org.) **O jornal: da forma ao sentido**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

SUASSUNA, Luiz Eduardo B. **História do Rio Grande do Norte**. 2. ed. Natal, RN: Sebo Vermelho edições, 2005.